

MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS E COGNITIVAS NO USO DE SUFFIXOS INTENSIFICADORES NOMINAIS

Vanessa Guedes de Carvalho (UFRN)

vanessagc_21@yahoo.com.br

Introdução

Não é recente a discussão entre os linguistas a respeito de muitos dos conceitos que são apresentados pelas gramáticas tradicionais, sobretudo pelo fato de se desconsiderarem os diversos contextos de uso em que ocorrem os mais variados fenômenos linguísticos de que se ocupam os compêndios gramaticais.

À gramática tradicional, via de regra, interessam apenas as ocorrências da língua padrão e, em especial, os fatos da língua escrita representativa de modelos textuais arcaicos. Esse tipo de abordagem dá pouca importância à variedade oral da norma culta (TRAVAGLIA, 2002), bem como às variações de uma língua. Disso resulta a necessidade de se investigar alguns fenômenos linguísticos que podemos encontrar no uso real da língua e que se mostram em discordância do que abordagem tradicional preceitua/registra.

No que se refere a essa abordagem tradicional, percebemos que as gramáticas limitam o estudo dos sufixos quanto ao grau dos substantivos e adjetivos, não mostrando os diversos contextos de uso em que esses sufixos ocorrem e quais os possíveis sentidos que a utilização deles veicula. Diante disso, alguns questionamentos podem ser feitos a respeito do uso de sufixos graduadores nominais, com vistas a dar conta de suas ocorrências, considerando-se o uso real da língua. Vejamos: Que fatores discursivo-pragmáticos motivam a construção/atribuição de valor no uso de sufixos graduadores? Que aspectos de natureza cognitiva estão implicados nessa atribuição de valor? Quais os sufixos mais recorrentes na atribuição de valor positivo ou negativo? Em que contextos se dá a atribuição de valor?

Diante disso, neste trabalho, dedicamo-nos à investigação do uso de sufixos graduadores nominais em textos reais, voltando-nos mais especificamente para a atribuição de valor no uso desses elementos. Nesse sentido, pretendemos identificar e discutir motivações pragmático-discursivas e cognitivas implicadas no uso desses sufixos, mais particularmente na construção de juízo de valor.

Para tanto, apoiamo-nos na conjugação de dois paradigmas teórico-metodológicos: o da Linguística Funcional de vertente norte-americana e o da Linguística Cognitiva. Como suporte empírico, utilizaremos uma amostra constituída de textos escritos publicados nas seções *Carta do Leitor* e *Gente* da Revista *Veja* no primeiro trimestre do ano de 2011.

1. Aspectos teórico-metodológicos

Adotamos como referencial teórico os postulados defendidos por autores como Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999), Taylor (1992), Tomasello (1998, 2003) da Linguística Cognitiva como também os defendidos por Heine (1997), Givón (1998, 2001), Hopper (2003), Furtado da Cunha (2001) da Linguística Funcional contemporânea.

O funcionalismo concebe a linguagem como instrumento de interação social. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa a motivação para os fatos da língua. Ainda, segundo essa perspectiva, a gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes (FURTADO DA CUNHA, 2001).

No que se refere à Linguística Cognitiva, a estrutura linguística relaciona-se com e é motivada pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelas

funções comunicativas do discurso. Em outras palavras, a linguagem depende de conceitualização, sendo condicionada por nossas experiências, pelo ambiente externo e pelas relações que mantemos com esse ambiente.

Para Silva (2004, p. 1-2), o ponto de encontro entre cognitivistas e funcionalistas reside na defesa de que a linguagem é parte integrante da cognição e se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais; daí a necessidade de ser examinada no seu uso (*i.e.*, caráter funcional), considerando os aspectos de conceitualização, categorização, processamento mental, interação e experiências individuais e socioculturais.

Com relação aos pressupostos compartilhados pela Linguística Funcional norte-americana e a Semântica Cognitiva podemos destacar a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, a não distinção entre léxico e sintaxe, a postulação de que a unidade linguística básica é a construção, o posicionamento de que os dados para a análise é a construção, o posicionamento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (TOMASELLO, 1998).

Nesse contexto, utilizamos as noções de processos metafóricos e metonímicos da Semântica Cognitiva. Lakoff e Johnson (1980) tratam a metáfora como um caso de operações entre domínios cognitivo-conceituais, imprescindível no processamento mental e no intercâmbio de significação cognitiva. Além disso, de acordo com os autores, a metáfora recobre uma quantidade considerável de categorias conceituais utilizadas nas diversas formas de interlocução, emprestadas de noções que têm como fundamento significados construídos a partir das experiências do indivíduo com o ambiente circundante.

A metonímia também desempenha um papel fundamental na cognição humana. Ela é focalizada como uma questão de conceitualização, já que ela é, em parte, responsável pelo processamento de determinadas formações conceituais.

Também utilizamos como aparato teórico de nosso trabalho as noções de subjetivação e intersubjetivação defendidas por Traugott e Dasher (2002). Por subjetivação, os autores citados entendem o processo semasiológico em que os emissores se utilizam de termos referenciais para a expressão de sentidos relativos a seu estado interno, crenças, valores e afins; a intersubjetivação define-se como a utilização desses recursos para a atuação sobre o interlocutor, com vistas a sua adesão ou anuência ao que é declarado.

Diante disso, esta pesquisa pretende investigar motivações pragmático-discursivas e cognitivas envolvidas na atribuição de valor no uso de sufixos graduadores nominais, considerando os processos cognitivos de extensão metafórica e metonímica, bem como as relações de subjetivação e intersubjetivação implicadas nessa valoração.

A metodologia de nossa pesquisa é eminentemente qualitativa com suporte quantitativo. O *corpus* deste trabalho é formado por textos publicados nas seções Carta do Leitor e na Coluna Social da Revista Veja no primeiro trimestre de 2011. Mais especificamente, nossa pesquisa consiste da quantificação e coleta de dados e análise das motivações.

2. Padrões discursivos

De acordo com Östman (2005), os padrões discursivos (*Discourse Patterns*), são compreendidos em consonância com a abordagem da Gramática de Construções, pois representam propriedades linguísticas específicas que os colocam “em pé de igualdade” com os padrões convencionalizados conhecidos como *gramática*. Nessa perspectiva, as estruturas e processos do discurso podem ser explicados de forma mais sistemática.

Padrões discursivos, da mesma forma que construções gramaticais, são entidades abstratas resultantes do pareamento de formas e significados. No caso do padrão discursivo, o polo da forma estaria associado às relações internas e o polo do sentido, às relações externas que um discurso exhibe em relação aos contextos sociais e comunicativos. Essa definição de forma e sentido parece se harmonizar com as noções de “tipos” e de “gêneros discursivos”, respectivamente. Além disso, um padrão discursivo resulta do pareamento recorrente entre um tipo e gênero específicos.

Duque e Costa (2011) salientam, também, que os padrões discursivos são verdadeiros espaços de negociação intersubjetiva no interior dos quais ocorre a construção de sentido.

3.1 Os Padrões discursivos *Carta do Leitor* e *Coluna Social*

A Carta do Leitor caracteriza-se como um texto em que um leitor faz comentários a respeito de um assunto publicado em um veículo de comunicação social, preferencialmente jornais e revistas. É um padrão discursivo que tem um destinatário específico – o diretor da revista ou jornal -, e pode ser lida por todos os leitores do meio de comunicação para a qual foi enviada. Além disso, caracteriza-se como um texto com intencionalidade persuasiva.

Bezerra (2002) caracteriza a carta do leitor como um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário que não se conhecem, atendendo a diversos propósitos comunicativos como opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, etc.

A Coluna Social caracteriza-se por trazer comentários e avaliações acerca das atitudes, ações e comportamentos de pessoas consideradas celebridades e/ou que estão na mídia. É um texto publicado geralmente em jornais e revistas.

Os referidos padrões discursivos apresentam como propósitos comunicativo a apreciação, a avaliação de seus autores a determinado assunto ou pessoa e por esse motivo constituem espaços que favorecem o aparecimento de sufixos graduadores nominais e, isso justifica a utilização da *Coluna Social* e da seção *Gente* no presente trabalho.

O interesse de se estudar os padrões discursivos acima citados reside no fato de apresentarem em maior quantidade o objeto de estudo enfocado no presente trabalho, a saber, os sufixos graduadores nominais, em relação a outros padrões discursivos. Isso pode ser justificado pelo fato de serem textos divulgados em veículos de comunicação social e que se caracterizam por serem textos de teor opinativo.

3. Estudo do grau

Nesta seção, apresentamos como o grau é estudado nas gramáticas tradicionais e também por outros linguistas.

O estudo dos sufixos graduadores nominais nas gramáticas tradicionais remete apenas a uma classificação quanto ao grau dos substantivos e dos adjetivos, não mostrando os diversos contextos de uso em que esses sufixos ocorrem e quais os possíveis sentidos que a utilização deles veicula.

Rocha Lima (2010) restringe o uso dos sufixos ao estudo dos graus do substantivo e do adjetivo. Quanto ao grau do substantivo, o autor afirma que os sufixos, ao indicar o

aumentativo e o diminutivo, podem expressar um valor pejorativo, indicar intimidade ou encerrar uma ideia de carinho (p. 135-136). No caso do adjetivo, apenas classifica o uso dos sufixos quanto ao grau superlativo sintético (p. 149-150).

Bechara (2005) explica o uso do sufixo quanto ao grau do substantivo classificando-o como “sufixo derivacional aumentativo ou diminutivo” (p. 140) e, no que se refere ao adjetivo, classifica-o como componente formador do superlativo sintético (p. 149).

De acordo com Cunha e Cintra (1985), os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as ideias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, o valor depreciativo ou pejorativo.

O emprego dos sufixos diminutos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: desprezo, ofensa. Assim, se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga (p. 192).

Segundo Cegala (2008), os sufixos são elementos (isoladamente, insignificantes) que, acrescentados a um radical formam nova palavra. Ao mesmo tempo em que alteram a significação do vocábulo originário, podem ainda mudar-lhe a classe gramatical, o gênero ou o grau. De acordo com o autor, o que podemos definir como intensificadores são classificados como (i) sufixos aumentativos, em que neles a ideia aumentativa concorre, em geral, com a depreciativa ou pejorativa; (ii) sufixos diminutivos, que juntamente com a ideia diminutiva, alguns desses vocábulos têm acentuada tonalidade depreciativa e outros exprimem afetividade; e (iii) os que exprimem o grau superlativo dos adjetivos.

Levando em consideração o que foi exposto, percebemos que as gramáticas tradicionais não fornecem um estudo aprofundado e satisfatório do objeto de estudo em questão já que o fenômeno linguístico em questão é caracterizado apenas sob o aspecto formal. Diante disso, no presente trabalho adotaremos a tipologia dos diferentes modos de conceitualização do grau proposta por Silva (2012) com o intuito de auxiliar a compreensão de algumas motivações semântico-pragmáticas e cognitivas que estão presentes nas diversas manifestações dos sufixos graduadores nominais no discurso.

Com uma perspectiva de estudo divergente das abordagens tradicionais vistas até aqui, principalmente por defender a língua como um instrumento de interação social que precisa ser investigada em seu uso real, Silva (2012) propõe a divisão do grau em quatro tipos distintos: dimensivo, quantitativo, intensivo e hierárquico.

O grau dimensivo refere-se ao escalonamento, em nível aumentado ou diminuído, do tamanho, estatura ou proporção/extensão física de uma dada entidade (ser ou coisa). No exemplo a seguir, o sufixo *-inho* refere-se ao pequeno tamanho do bar.

(1) ...tem um **barzinho**... do lado (...) (*Corpus D&G/RJ*, 1995, p. 45)

O grau intensivo tem a ver com o incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação da intensidade do grau, caracterizada pelo reforço escalar, de direção para mais ou para menos, atribuído a um dado conceito (SILVA, 2008). Nos dados a seguir, a intensificação de *puto* e *tranquilo* ocorre por meio dos sufixos *-ão* e *-íssimo*.

(2) ...ele saltou do carro... pô... **putão**... e o motorista do táxi **tranquilíssimo** ... (*Corpus D&G/RJ*, 1995, p. 10)

O grau quantitativo vincula-se, especificamente, à quantificação, indefinida de referenciadores ou de noções contáveis/mensuráveis, para mais ou para menos. Nos exemplares a seguir, o sufixo *-eiro* indica a ideia de muita água e de muita lama em ambas as ocorrências.

(3) Fãs da música pop no festival de Glastonbury, na Inglaterra, terão de lidar com mais um dia de **aguaceiro**, neste sábado, em que o evento entra na sua segunda jornada. Partes do local viraram um **lamaceiro** devido à chuva forte que substituiu uma semana de sol na fazenda de Michael Eavis em Somerset,... (<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/06/23/296486657.asp>. Acesso 01/10/2011)

O grau hierárquico é denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou estado de coisas, considerado(a) como possuidor(a) de status/condição superior ou inferior, numa escala de valores. Esse tipo de noção gradual pode se aplicar tanto a conceitos designativos de relações sociais como aos vinculados a julgamentos apreciativos. No exemplo a seguir, o sufixo *-ão* descreve uma posição de superioridade.

(3) A disputa vai além dos bens deixados pelo **chefão**, metralhado em 2004. Está em jogo uma das maiores e mais lucrativas áreas da contravenção. (<http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2011/9/193112.html>. Acesso: 02/10/2011).

Ainda de acordo com o autor o grau tem sido convencionalmente focado como um fenômeno semântico que se projeta sobre uma determinada forma linguística, alterando seu conteúdo básico em termos escalonáveis. A conceitualização do grau constitui uma atividade semântico-cognitiva e discursivo-pragmática fundada em nossas experiências individuais e socioculturais, no qual se escalonam, em alguma medida, noções relativas a entidades, eventos e estados de coisas em geral que são tomadas como suscetíveis a essa noção de algum modo.

4. Análise

Nesta seção, apresentamos algumas motivações pragmático-discursivas dos sufixos graduadores nominais utilizando a tipologia de conceitualização do grau proposta por SILVA (2011) presentes nas amostras encontradas nas seções *Gente* e *Carta do Leitor* da revista *Veja* no primeiro trimestre de 2011. O *corpus* é constituído por trezentos e quarenta e cinco textos dos dois padrões discursivos. Do universo citado, cinquenta e oito pertencem a *Coluna Social* e duzentos e oitenta e sete pertencem a *Carta do Leitor*.

Quanto às ocorrências com sufixos graduadores nominais, foram encontradas treze na seção *Gente* em onze textos e treze ocorrências na *Carta do Leitor* em quatro textos. Utilizando a classificação proposta por SILVA (2011), quanto a *Coluna Social*, podemos classificar dez dados como pertencentes ao grau intensivo, dois dados pertencentes ao grau dimensivo e apenas uma ocorrência do grau hierárquico. Quanto às encontradas na seção *Carta do Leitor*, encontramos doze ocorrências que podem ser classificadas quanto ao grau intensivo e uma que pode ser classificada quanto ao grau dimensivo. A seguir, listaremos três textos da *Coluna Social*, nos quais dois podem ser classificados quanto ao grau intensivo e apenas um quanto ao grau hierárquico.

- (1) Emérita encantadora de milionários, a indiana Padma Lakshmi, 40 anos, ex-modelo, ex-mulher do escritor Salman Rushdie, apresentadora do reality show *Top Chef*, teria tudo para sair com fama de bruxa do processo movido contra ela por Adam Dell, 41, da família da Dell Computadores, pela guarda da filha dos dois, Krishna, 2. Ocorreu exatamente o contrário. Dell alega ter sabido da gravidez quando há haviam terminado, diz que Padma torcia para que o pai fosse Ted Fortsmann, seu novo e **riquíssimo** namorado (frustrou-a um exame de DNA), reclama que seu nome nem consta da certidão e que quase não vê a menina. Por vingança, pede a guarda total de Krishna. E fez questão de espalhar todos os detalhes do processo sigiloso. Pacote completo de canalhices. (Seção *Gente*, 9 de fevereiro de 2011)

- (2) Chegar aos 76 anos como se vê na foto ao lado, só mesmo sendo Sophia Loren. Mas nem o peso dos anos a faz baixar a guarda. Na biografia autorizada *Uma Vida de Romance* ela apenas deixa entrever que seu casamento com o produtor Carlo Ponti, morto em 2007, teve um lado sombrio. O **ciumentíssimo** Ponti ia aos locais de filmagem onde Sophia trabalhava só para vigiar a concorrência. Até que tinha seus motivos, considerando-se que ela contracenava com alguns dos homens mais belos da história da humanidade. Mas Marcello Mastroianni foi apenas “o mais maravilhoso amigo da minha vida”. E Cary Grant disparou à toa o “olhar quente e terno ao mesmo tempo”. (Seção *Gente*, 9 de fevereiro de 2011)
- (3) Qualquer festa de arromba de 15 anos hoje em dia tem de trazer um ator jovem da Globo para dançar a valsa com a debutante. Um? Pois o empresário Mauro Mendes e sua mulher, Virgínia, de Cuiabá, levaram logo seis (e mais um modelo, Caco Ricci). A filha, Ana Caroline, foi carregada, mimada e rodopiada por, entre outros, Daniel Oliveira, Kayky Brito e Caio Castro. Só de cachês, foram cerca de 150 000 reais. “Meu marido foi candidato ao governo do estado e, por causa da campanha, tivemos de adiar a festa. Então precisávamos fazer alguma surpresa especial”, justifica Virgínia. O partido do desvelado **paizão**? PSB. Isso é que é socialismo. (Seção *Gente*, 2 de fevereiro de 2011)

As formas intensivas *ciumentíssimo* e *riquíssimo* nos dados (1) e (2), respectivamente, por meio do sufixo *-íssimo*, são utilizadas com o intuito de enfatizar as características das pessoas mencionados quanto ao poder aquisitivo, no caso de Ted Fortman, que é muito rico, como também quanto ao elevado ciúme, no caso de Carlo Ponti, que é muito ciumento. Esses dados nos permitem concluir que a formação do conceito intensivo, por meio de operações cognitivas, parte da experiência concreta (*muito* com valor de quantidade) para o conceito de intensidade (*muito* com valor intensivo), por meio de processos metafóricos, em que *muito* (indicador de quantidade) passa a ser interpretado como intensificador (codificado, no caso dos termos destacados, pelo sufixo *-íssimo*). Além disso, o próprio texto por seu caráter informal e também pelo propósito comunicativo de fazer julgamentos, comentários a respeito de pessoas famosas contribui para o uso do sufixo em questão.

Em (4), o grau expresso na palavra **paizão** por meio do sufixo *-ão* pode ser classificado como hierárquico, pois faz referência a um dado indivíduo possuidor de um *status* superior, numa escala de valores. Os elementos linguísticos presentes no texto enfatizam a dedicação do pai a filha e isso faz com ele ocupe um status superior em relação aos demais. Além disso, o referido sufixo diz respeito a uma noção advinda de um conceito mais concreto de tamanho ou estatura para um conceito mais abstrato de grandiosidade.

Nesses casos (1), (2), (3) fica nítida a presença das relações de subjetividade e intersubjetividade pelas escolhas lexicais e apreciações feitas pelo autor como também pela sua intenção de conseguir a adesão dos interlocutores quanto à visão que manifesta a respeito do assunto em questão.

A seguir, observemos dois textos extraídos da seção *Carta do Leitor*. Neles, temos apenas uma ocorrência do grau dimensivo e duas ocorrências do grau intensivo.

- (4) Sou pai há menos de um ano e fiquei decepcionado com Ricky Martin. Ele afirma que quer que seus filhos digam: Meu pai é gay e ele é muito legal. Seu pai não é gay. Triste o seu caso. Ora, quer dizer que, pelo fato de eu não ser gay, sou um pai menos legal que ele? Gostaria de mostrar a ele quanta felicidade e amor existe em uma família simples aqui do interior de Minas Gerais, um casal normal (homem e mulher), que tem uma **filhinha** maravilhosa cheia de saúde e sem os milhões de dólares que esse senhor tem. (*Carta do Leitor*, 2 de fevereiro de 2011)

(5) O casal é tão **bonzinho** que ficou enjoado. Não aguento vê-los. Quando eles aparecem na TV, mudo de canal. Se estão em uma revista, viro a página. Demorei 24 horas até conseguir mexer em Veja. Os casais **mauzinhos** são muito mais divertidos. (*Carta do Leitor*, 9 de fevereiro de 2011)

No caso (4), podemos classificar o sufixo *-inha* quanto ao grau dimensivo, já que, refere-se ao tamanho, estatura da criança que, embora não está explícita, pode ser inferida no texto. O sufixo *-inha*, portanto, de conteúdo mais concreto, por extensão metafórica, no caso, presta-se a atribuição de valor afetivo.

No caso (5) o sufixo *-inho*, *-inhos* atribuem às palavras com as quais estão agregados uma intensificação. Nesses casos, os sufixos possui uma acepção mais abstrata, significando a intensidade dos adjetivos *bom* e *mau* e por extensão metafórica, presta-se à atribuição de valor depreciativo.

Nesses casos também, observamos as relações de subjetividade e intersubjetividade presentes nos julgamentos, apreciações, atribuição de valor decorrente do uso dos sufixos realizados pelo autor como também sua intenção de conseguir a anuência de seus interlocutores.

Referências Bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: lucerna, 2005.

BEZERRA, M. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EdUFRN, 2011.

FERRARI, L. V. A linguística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. In: *Veredas* (Revista de Estudos Linguísticos). nº 9. Juiz de Fora, MG: UFJF. jul./ dez., p. 23-29, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A., MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Análise funcionalista de procedimentos discursivos. In: PASSEGGI, L., OLIVEIRA, M. S. *Linguística e educação*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. vol. II, Amsterdam: John Benjamins, 1990.

_____. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The New psychology of language*. V. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. P. 41-66.

_____. *Sintaxe: an introduction*. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (ed.). *Perspectives on grammaticalization* (Current issues in linguistic theory). v. 109. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 255-287.

_____. *Cognitive foundations of grammar*. New York/Oxford: OUP, 1997.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13., 1987. p. 139-157.

_____. *Grammaticalization*. 2. Ed. Cambridge: CUP, 2003.

_____.; THOMPSON, S. A. Language universals, discourse pragmatics, and semantics. In: *Language Sciences*. v. 15, n. 4. Great Britain: Elsevier Science, 1994. p. 357-376.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: UCP, 1987.

_____.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1.: Theoretical prerequisites. Stanford: SUP, 1987.

ROCHA LIMA, C. H.. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 48 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SILVA, José Romerito. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticos nos processos de intensificação*. (Tese de doutorado). Natal, RN: PPgEL (Letras)/UFRN, 2008.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Great Britain: Laredan Paperbacks, 1992.

OLIVEIRA, L. de A. B. A trajetória de gramaticalização do *onde*. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.), 2000.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 2002.

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: _____. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, 1998. p. vii-xxiii.

_____. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ/ London: LEA, 2003.